

VOLUME 18

2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 2ª PARTE (ORIENTE MÉDIO)

14/11 a 04/12/1876

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

14 de NOVEMBRO de 1876

Partida de Beirute às 4 da madrugada. Bela estrada de onde se vê a princípio o alto das montanhas a ponta onde está a cidade estendendo-se; de um lado a costa para o norte na direção de Trípoli e do outro para o sul na direção de Saída (Sidon) e Caifa.

Atravessou-se em Mezher o ponto mais elevado da estrada a 1515 m no nível do mar. Felizmente a chuva tinha cessado clareando o tempo de modo a gozar da vista magnífica da planície de Bkaa.

Em Ch'tora a 905m de altura houve o almoço logo e às 11h 20' separou-se a companhia indo eu e os que deviam igualmente montar a cavalo ainda de carro até Malakah e os mais seguindo para Damasco.

Daquele lugar foi a cavalgata por uma interminável planície ladeada à esquerda pelo Líbano e à direita pelo Ante-Líbano, até Baalbeck. Desde Ch'tora é o caminho feito e empedrado pelo governo turco. Está quase pronto apesar de só se empregar o trabalho obrigado de cada homem durante 4 dias do ano e em época diferente da das ocupações agrícolas. O engenheiro é um filho de Beirute de procedência armênia chamado Bechara que foi empregado na construção da estrada de Beirute a Damasco feita pela companhia francesa dirigida por Mr. Peothuis que serviu na marinha com o Joinville a quem Bechara conheceu em Beirute.

Choveu bastante de tarde, mas a entrada nas ruínas de Baalbeck à luz de fogaréus e lanternas atravessando por longa abóboda de grandes pedras, foi triunfal e as colunas tomavam dimensões colossais.

15 de novembro de 1876 — Como não tinha roupa para mudar pela demora das cargas meti-me ontem na cama às 6 ½. Quase 7 horas de marcha contínua a cavalo dispõe ao sono e só acordei pela noite fora com algum frio. A barraca sempre deixa entrar vento e puseram na cama um cobertor algum tanto ralo e por cima uma manta acolchoada, porém bastante inteiriça de modo que facilmente caía para um lado, como os travesseiros me fugiam da cabeça. Não dormi bem e como me envolvia bem no raro véu não podia ler e cismeí muitíssimo. Antes das 6 da manhã vesti-me e fui correr as ruínas.

Comecei pelo pequeno templo e que o é menos. Devia-se subir até a porta por uma escada. A pedra que forma a verga rachou-se e parte dela como uma cunha enorme desceu ficando suspensa pelos pontos de apoio nos dois fragmentos laterais. No interior de cada uma das pilastras que ladeiam a porta há uma escada muito estreita de 70 degraus cavados nas pedras, que vai até o alto daquela. A escada da esquerda está quase toda desamparada pela banda de dentro do templo e na da direita entra-se por um buraco ao rés do chão e tão estreito que meu corpo não podia passar.

O interior desse templo é muito ornado e com gosto, porém não é das ruínas a que mais me agrada. Por fora do templo há do lado do norte — a frente olha para ~~E/ste~~— 9 colunas coríntias de pé com o entablamento e a abóboda da arqueada e sobrecarrega de ornatos que as liga ao templo e as bases de outras 3. Do outro lado só existem 4 colunas de pé e o fuste de uma tombado de encontro ao muro de que fez recuar uma das grandes pedras. Passei por baixo dela. No fundo do templo vêem-se 4 troços de colunas mais ou menos de pé e 3 nesta posição. Medi alguns tímpanos de colunas desse templo deitados no chão e seu raio iguala o comprimento de meu chapéu de sol. Os capitéis que parecem pequenos nas colunas em pé custa a trepar nele quando derrubados. Ao lado esquerdo de quem olha para o templo e perto deste há duas grandes abóbodas sobrepostas, formadas de grandes pedras cobrindo espaço considerável com seteiras e a superior dividida como igreja latina. A escada para descer ao recinto inferior está muito estragada e meu guia foi menos feliz do que eu, pois deu uma pequena queda.

Afastado desse pequeno templo, mas sobre a mesma colina e paralelo àquele estava o grande. Do lado do pequeno só se vêem 6 colinas belíssimas de 17 cujos lugares se contam na outra parte correspondente onde há apenas 4 troços mais ou menos de pé. No fundo só eu e mais 3 pudemos abarcar com os braços um troço de coluna. Do lado oposto ao das 6 colunas desce para uma parte saliente da colina de onde se observa a construção ciclopeana das antigas muralhas sobre elas como entre as colunas colocaram posteriormente grandes pedras com seteiras como fortificação. Rodeei todas as muralhas e na que sustenta o fundo do grande templo que fica para O. medi com o metro uma das maiores pedras que tem 22m de comprido, 4 de largo e 5 de alto, está no canto.

Defronte dos templos há ruínas muito curiosas e de lindo ornatos não podendo eu saber que significam duas águas em baixo-relevo, uma num espaço com 7 estrelas. Há nichos por todas partes, mas sem as estátuas e grande número deles ornados internamente do lado de cima de conchas em baixo-relevo acompanhando a curvatura dos nichos.

Além sempre para E[ste]. ainda há as ruínas de um edifício hexagonal também muito ornado e por fim os lados da porta por onde se entrava para esta espécie de acrópolis e que está tapada há de cada banda contando dos cantos 3 pilastras e 7 colunas tendo cada uma das quartas em sua base a mesma inscrição que não pude ler senão muito imperfeitamente com um óculo de alcance.

Os espaços estão tomados com pedras, segundo já disse.

Defronte da porta há vestígios do conduto da água que estaria por baixo da escada de que aliás não encontrei vestígios. Todo o âmbito da colina não se anda a passo regular em menos de 20 minutos.

Nunca vi monumentos propriamente de arquitetura tão majestosos como de Baalbeck.

Na aldeia miserabilíssima há as ruínas de um diminuto templo circular que tem belos ornatos, mas que não me pareceu elegante no seu todo.

Saindo de Baalbeck, onde deixei meu nome com a data na parede do fundo do pequeno templo está cheio de semelhantes inscrições, lendo-se logo depois da entrada estas palavras — Comme le monde est bête!!! e por aí além de interjeições.

Vi junto à parte da casa do governicho da aldeia, a estátua de mármore de uma mulher assentada com a figura de um grifo, cuja cabeça quebrou-se do lado esquerdo e do direito sobre a cadeira o baixo-relevo de uma urna pequena.

Esqueci-me de falar de baixos-relevos meio enterrados no solo do pequeno templo representando danças ao som de instrumentos e pedaços como de frontão do grande templo com a imagem em meio-relevo de uma creio que deusa ora com uma palma, ora também com uma espécie de cornucópia ou trazendo a modo uma de torre na cabeça e aleitando uma criança.

Na larga galeria abobedada por onde entrara de noite vi de manhã na parte superior dois bustos em baixo-relevo de que um tem uma inscrição de que só li Divis e o outro é feito com algum gosto.

À distância de $\frac{1}{4}$ de hora a cavalo parei para examinar a pedreira e lá medi uma massa de pedra quase toda faceada para obra, de mais de 21m de comprido, 4 de largura e uma altura, que só com escada poderia ser medida. Segundo um cálculo que li deve pesar 1.200.000 kg. Uma quase igual já disse ter visto nas muralhas de substituição do grande templo.

Almocei nas ruínas e parti às 11.

Cheguei a Malakah às 5. Vim por caminho um pouco mais curto. Mostraram ao longe do lado esquerdo nas faldas do Ante-Líbano a aldeia de Nabá-schid, onde um ponto branco é o túmulo de Adão para esta gente.

Reparei melhor para a planície que apesar de coberta de seixos é aproveitada para trigo e vinhas sobretudo.

Perto de Baalbeck nasce o antigo Orontes que vai banhar Antióquia e até Malakah só atravessassei como na ida o Litani que na estrada de Beirute a Damasco está 873m acima do nível do mar.

A noite passada encheram-se os cabeços dos montes de neve e que belo efeito produziram vistos do fundo do grande templo ou por entre as 6 colunas!

Jantei em Malakah e tornando a caminhar de carro às 7 só cheguei a Damasco às 3 da madrugada. Choveu de tarde menos que ontem e à noite, ao chegar a Damasco, estava estrelada e as nuvens escuras não se enrolavam mais nos cimos das montanhas.

Comprei em Baalbeck algumas moedas aí achadas.

16 de novembro de 1876 — Antes das 9 fui correr a cidade que é muito porca e ver a grande mesquita (Djami'a el Amavi) dos Omiadas. Tem belas colunas de um antigo templo que precedia ao lado de E[ste] um arco triunfal, que ainda se vê sobrepujando as casas que o ocultam e era ligado ao templo por um pórtico de talvez 60m de comprimento em cujas colunas ainda se percebem mais ou menos como outras do templo incrustadas, por assim dizer, nas casas dos bazares dos sapateiros e dos ourives. É vastíssima e possui três minaretes tendo eu subido por 141 degraus até a galeria do N[orte] chamada nadinet (minarete) el Arous (da desposada).

Goza-se aí de uma bela vista da cidade rodeada de seus jardins e ruas de choupos e salgueiros nas margens do Baradah que fornece água excelente à cidade.

Tanta verdura perto de montanhas tão áridas devia produzir grande efeito no ânimo de Maoma quando avistando Damasco do cimo de um monte exclamou: “basta-me um só paraíso” e retrocedeu.

A um lado do pátio da mesquita está o túmulo do célebre Saladino que fui ver. Entrei na chamada casa de Judas onde S. Paulo se escondeu e agora é muito exigua casa de oração muçulmana cuja porta deita para um bazar e vi no cemitério os túmulos dos netos de Mafoma. Fatimé e a filha de Ali e de uma das mulheres do profeta. Os de outras duas e dos três criados daquele, todos mortos por ordem de Yezid que trouxe de Meca a família do profeta, não os pude ver por falta da chave. O do fiéis criados muito me interessavam. No meu giro passei pelo grande plátano que é com efeito um monstro vegetal.

Depois do almoço andei pelos bazares de carro e contornando as muralhas da cidade cuja parte inferior tem muitas vezes pedras de época anterior à dos romanos vi o lugar por onde S. Pedro fugiu e o resto da antiga calçada na direção de Jerusalém onde dizem que S. Paulo se converteu. Outros colocam com mais plausibilidade esse lugar mais longe a 4 km. de Damasco.

Apanhei umas pedrinhas dessa calçada.

Enterraram perto os ossos dos cristãos assassinados em 1860. Falam de 4 a 600 e ainda agora passam alguns a noite assustados e temem que a vitória dos Serbas seja motivo para outra matança. Até querem emigrar para o Brasil segundo ouvi.

Visitei a gruta de Ananias onde há uma igreja latina tendo sido criado quase todo o rochedo internamente. Acha-se entre casas e desce-se por creio que 12 degraus.

À 1h fui visitar Abd-el-Kader a quem tinha prevenido. Achei na porta da rua com seus 2 filhos mais velhos. É baixo, pouco cheio de corpo, testa arredondada, nariz ligeiramente aquilino, olhos pequenos porém vivo às vezes, ainda que pouco encarem e beiços de homem enérgico. Parece ter a cabeça raspada sob o turbante. Traja simplesmente e tinha chinelos de marroquim amarelo. Tratou-me com muita amabilidade tendo-lhe eu logo dito por intérprete que o visitava pelos serviços prestados aqui em 1860 aos cristãos, deu-me chá excelente com um gostinho muito bom de hortelã pimenta, mostrou-me parte da sua casa, oferecendo-me até levar-me ao harém o que não aceitei e da do filho mais velho, as quais estão muito bem arrançadas e tem pátios com árvores — comprou casas para acomodar toda a família perto de si — 18 filhos; 7 filhas e não sei quantos netos — conversou bastante comigo perguntando-me sobretudo se havia no Brasil alguns frutos e plantas que víamos e deu-me um exemplar da obra que escreveu e publicou sobre a Síria em árabe. O cabelo é preto e a barba não é grande, mas creio que a pinta assim como as sobrancelhas. Quis levar-me pela rua até o carro e eu dei-lhe o braço apesar de ser fortíssimo para quem nasceu em 1807. Vi as medalhas de ouro e prata que a França mandou cunhar em honra dele pelos fatos de 1870 — terminando a legenda assim: La France qu'il a combattue l'aime e l'admire — e o grande retrato de corpo inteiro que lhe deu o Napoleão 3º e onde ele está com sua grã cruz da Legião da Honra, de S. Lázaro da Sardenha com sua cruz, etc.

É possuidor de terras dos arrabaldes de Damasco cultivadas por ele e gosta de viajar a cavalo indo até o Hausan e Jerusalém e de caçar sobretudo gazelas que abundam perto desta cidade.

Escrevi depois até o jantar e às 5 fui de carro pela estrada de Beirute que passara de noite. Atravessa uma garganta de rochedos de formas muito pitorescas e margeando o Baradah, que aí encachoeira.

Cheguei até a habitação de campo de Abd-el-Kader em Dumah Compõe-se de três pequenas casas.

Como a noite estava linda à volta, toda estrelada!

Abd-el-Kader veio pagar-me a visita e trouxe-me sua fotografia, que lhe pedi em troca da minha que lhe levava de manhã e a do filho mais velho. Esteve sempre amável.

17 de novembro de 1876 — Antes do almoço fui ver a casa de lady Ellenborough que se casou com o Cheik dos beduínos chamado Mejuel *[sic]*. Prevenira-a da visita a título de ver as vistas que ela tinha da Palmira onde estivera. Apareceu-me logo o Cheik, bela cara inteligente muito mais trigueira que a de Abd-el-Kader. É baixo e trajava simplesmente trazendo como aquele um anel de aro de prata com pedra de sinete. Abd-el-Kader tem-no no dedo mínimo da mão direita.

Mostrou-me seus cavalos de duas raças árabes — não me pareceram excessivamente belos — e conversou um pouco comigo por intérprete até que chegou a mulher que mostra ter sido muito bela. Casaram em 1853 e ele deixou a mulher que tinha, mas que sustenta. Pedi que me mostrasse as vistas de Palmira e ela foi buscar depressa mas pesadona a pasta em que admirei belíssimas aquarelas feitas por ela, cuja mãe segundo me disse foi exímia pintora a óleo, de Palmira, de Babilônia, da Acrópolis de Atenas e da cidade da ilha de Tinos. Revelam grande talento artístico e a fisionomia de Mrs. Mejuel *[sic]* é de pessoa muito inteligência *[sic]*. Ainda pedi-lhe como lembrança sua fotografia como a do marido. Respondeu-me que dela só tinha uma antiga, o que já esperava e correndo quase apresentou uma fotografia feita em Roma com suas feições mas de uma formosíssima mulher e um retrato do Cheik feito a lápis por ela que explica seu casamento e honra a artista. Tomou-se café no salão que é bonito a gosto oriental e vieram até a porta do jardim que é a da saída para se despedirem de mim.

Fui de lá ver melhor trepando nos terraços de algumas casas, o arco do triunfo de *E[ste]* e o que se descobre ainda menos do que lhe corresponde a *O[este]*. Deviam ser belos.

Às 10 fui visitar as casas judias de um Schamaiah e de um Lisbun (ou Lisboa) de origem portuguesa. Tem salas bonitas e de luxo em habitação de aspecto externo quase repugnante, sobretudo à entrada, que depois dá em pátios de agradável aparência e com árvores. Também entrei na casa árabe chamada de Abd-Allah-Pacha e que pertence agora a seu filho Mohamed-Bey. O pátio é muito lindo e tem uma sala de pedras de diversas cores e arabescos, assim como os das janelas e portas que deitam para o pátio com as árvores, que merecem ser desenhados. Os tetos de relevos de madeira e pinturas de formas e cores variadíssimas são lindíssimas.

Entre no Kan-Hassad-Pacha, praça do Comércio desta cidade cuja porta de pedra de estilo árabe é uma das mais lindas que tenho visto. O interior de pedras escuras de diferentes cores mas de aparência severa como todo o edifício de grande altura e pilastras sustentando 6 cúpulas em 2 linhas muito me agradou; é pena que por qualquer motivo seja a parte entre as duas linhas de cúpulas coberta por dois telhados de madeiras de ângulo bastante agudo. Ainda examinei uma porta da grande mesquita com chapas de bronze, onde estão figurados cálices em baixo-relevo; até um deles apresentando 2 outros muito menores sobre seu relevo. Duvido de que sejam os cálices da missa, embora uma inscrição grega no resto do arco triunfal de O., mas que não pude ler por estar coberta de fragmentos de pedra diga que — a igreja de S. João Batista fora restaurada por Arcadius filho de Teodósio.

Já me tinham mostrado no interior da grande mesquita uma espécie de cenotáfio onde dizem guardar-se a cabeça do Batista.

Antes do jantar tomei um banho turco assim como já o fizera em Beirute. É muito agradável, porém faltam os esguichos e emborcações deliciosos de água fria do estabelecimento do Dr. Pallath de Londres.

Às 5 fui até o Tekyeh É uma espécie de claustro rodeado de colunas e com mesquita onde se recebem os peregrinos de Meca e são alimentados pela renda do estabelecimento. São 2 perto um do outro construídos o maior em tempo de Selim e o outro de Suleyman. Acomodam mil peregrinos.

Aqui há um externato de meninas (500) das Irmãs de Caridade e uma escola de meninos (14) dos Lazaristas. O superior Fr. Najesan esteve há pouco comigo. Tem uma barba respeitável. Não me pareceu dotado de grande fervor pelas escolas.

Amanhã parte minha caravana às 5 da madrugada.

Antes do jantar fui até o alto de uma colina oposta à cidade do lado de uma vilota. Goza-se aí de uma vista admirável. Os edifícios da cidade elevam-se do engaste de verdura que contrasta com a nudez das montanhas. Ao entrar nessa povoação está ao lado direito a casa de sobrado com uma porta de ornatos mouriscos onde morava Burton de quem todos falam bem assim como de lady Burton.

Vi antes de ontem as igrejas grega católica e maronita. Nada tem de notável o superior dos Lazaristas que se refugiou com os cristão em 1860 no castelo disse-me que a matança seria de 1200 a 1300.

18 de novembro de 1876 — Cheguei ao pouso às 3 ½. A saída foi às 5 da madrugada. Céu cheio de estrelas. Rompia a marcha um piquete de soldados turcos; depois cavalgavam alguns árabes com a cabeça coberta à beduína e outro diante hasteando longa lança de bandeirolas verde e amarela, seguiam-se 6 tarantuas (liteiras) com a Imperatriz, Josefina, Dr. Fontes, Bom Retiro, que torceu a perna durante a excursão de Baalbeck — não é coisa de cuidado e anda apenas com alguma dificuldade e Leonédia, os cavaleiros e enfim uma guarda a cavalo turca. Passado pouco tempo o Dr. Fontes preferiu o cavalo e Joanhina tendo caído entrou em liteira, que depois do almoço deixou para seguir outra vez a cavalo.

O clarear do dia foi roseando as neves do Monte Hermon, cujo resto da serra apresentava um azulado transparente, lindíssimo, encantou-me. A planície ostentava-se risonha e tudo prometia a jornada que tivemos. O solo era pedregoso, mas para o lado das montanhas cultivado e o aspecto destas tão belo quase como na Grécia, cujo verde claro do céu também observei um pouco esta madrugada.

A serra do Hermon sempre à direita dominando ele a paisagem com sua cabeça venerável toda encanecida e pouco tempo depois muito longe à esquerda a linha levemente azulada das montanhas do Hauran. Grandes fatos de cabras, algumas gazelas que quiseram cerca toda a brida e sobre as quais atiraram valendo-lhes as pernas ligeiríssimas que Deus lhe deu e dois ou três pássaros chamados gattas, cujas penas dizem refletir às vezes lindas cores variaram o cenário.

Às 10 acampamos para almoçar em Khanicheir, bonito lugar com suas árvores ainda verdes ou já amarelas de frio — e a madrugada bem se mostrou a estação — junto a um arroio pretencioso com suas orlazinhas verdes. Uma hora antes tínhamos passado pela aldeia de Artours que nos ficava à esquerda e um pouco mais a de Kawikaba sobre uma colina por detrás da qual dizem que fôra a conversão de S. Paulo. Aí se vê uma estrada romana.

Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning ambos nós sentados perto do arroio Dhirani.

S. Paulo aproximava-se de Damasco quando ouvi a voz celeste e se fosse isto no lugar de que falei noutro dia os Atos dos Apóstolos diriam que S. Paulo chegava a Damasco; contudo as pedrinhas que não podia arranhar no segundo lugar sempre tem valor.

Seguimos à 1h 10'. O terreno é mais acidentado e pedregoso. Só há arbustos por onde passa outro arroio que poderia ser ainda mais modesto para maior felicidade da passagem das liteiras. A margem oposta à que seguimos até atravessá-lo é um pouco elevada e cheia de pedras grandes que em muitos casos são pontas do rochedo de contextura lamelar. Ao chegar a este pouso chamado Sâsa estende-se vasta planície bem cultivada e toda verdinha do lado esquerdo — creio que elevada — do direito vi indícios de cultura de cana de açúcar.

Minha tenda olha para a colina há 2 Khans.

Por detrás fica a planície que termina na serra do Hermon. Corre perto o Djenani, que forma com o Arni o Awadi; o Forpos da Escritura. Há as mesmas árvores que no lugar do almoço. O arroio do ponto do almoço talvez seja o Sabirani (e não Dhirani) que mais abaixo é chamado Awadj.

Durante o trajeto de Kanicheir até cá vi pombas selvagens voando, e antes no almoço reparei em montículos de terra com uma cavidade superior que levantam perto de lugares onde se guardam animais para aí se porem os grãos que eles comem. Só depois do almoço é que houve vento forte de rajadas mas agora está o céu sereno e espero que o tempo excelente continue.

Esta madrugada vi uma estrela cadente com longa rês-tea de luz. Mais bela observei eu em Beirute a 12 voltando do passeio. Não me tenho esquecido deste fenômeno do mês de novembro, quando a viagem me permite.

19 de novembro de 1876 — 3h $\frac{3}{4}$. Chegamos ao pouso de Koneitirah aldeia pequena.

O Hermon já fica para trás.

Saída às 6h $\frac{1}{4}$. Antes vi os dois Khans que de um tem uma porta de volta ogival que não deixa de ser elegante. Subi ao cimo da colina onde está o outro. Vi sobre o solo no alto pedras negras porosas que parecem vulcânicas. Havia famílias beduínas nesses Khans com suas cabras, boisinhos [*sic*] e burricos.

A manhã estava lindíssima. O tufo de choupos produzia aprazível efeito. As águas do Djenani murmuravam e borbulhavam movendo dois moinhos.

Cedo começou um caminho horrível sobre pedras e lagedos, mas onde aparecia de vez em quando a calçada romana em sofrível estado. Durou este escorrega aqui, escorrega acolá dos cavalos e burros das liteiras quase hora e meia. O que carregava por detrás da liteira da Joanhina caiu. Ela gritou um pouco achando-se em posição tão inconveniente, porém nada sofreu a não ser em seu pudor. Eu ía adiante — honni soi qui mal y pense!

Depois atravessamos algumas colinas baixas e um descampado com pedras soltas, mas não inumeráveis. Havia arbustos algum tanto raquiticos e pequenos carvalhos entre plantas quase rasteiras todas estreladas de espinhos. Dizem que não apareceu água no lugar destinado para o almoço e por só se lhe fizeram honras esplendidas perto do meio-dia. O sítio era bonito pelos planos e linhas do terreno e gradações da luz. Apareceram beduínos e reparei como as mulheres que pintam de azul com figuras a testa, braços, mãos e até seios e tingem dessa cor todo o lábio inferior.

Ontem de noite fizeram charivari no acampamento, mas o frio nem me deixou dormir bem apesar de enrolar-me bem num cobertor, que é conhecido de Atenas, mas aí tudo era belo, luz, calor e vida. A água num copo fora da barraca gelou toda. Encontrei pedaços de gelo como vidros nas pedras do caminho até muito depois do nascer do sol.

Traduzi Atos dos Apóstolos em relação a S. Paulo com o Henning e li um pouco de meu guia.

Levantou-se campo às 2 $\frac{1}{4}$. A tarde está de um tom tão límpido e suave que arrebatava. Os frios de Hermon condensando a umidade encobrem-no muito ligeiramente num véu luminoso. Apareceram muitos rebanhos de carneiros durante o trajeto depois do caminho ruim. Voaram creio que algumas pombas. Deram-lhe um tiro, mas elas tem asas com pernas as gazelas.

Os diretores da caravana são os irmãos Antônio e Mulhelm Uardi (rosa em árabe). São do Líbano, maronitas e vivem em Beirute. Antônio é a agilidade, atividade e infatigabilidade em pessoa. Traja da maneira mais pitoresca e elegante com seu lenço de fino tecido e às vezes lindamente bordado, atado à roda da cabeça e pendente por detrás, como usam os beduínos.

Não faz esta noite tanto frio como ontem.

Antes do jantar à 6 fui ver a aldeia. Seu terreno foi concedido pela Turquia e emigrados Circássios [*sic*] — umas 80 famílias. Pouco cultivam e recebem: criança 100 dracmas e homens feitos 200 por dia.

Este sítio tem boas pastagens — desde o sítio de olmo — Ain-rakat — que vejo o solo verde de grama agora pouco crescida. Os Beduínos até o número de 2000 — os que tenho visto até agora são trigueiros e parecerem [*sic*] cabras e tem cabelos corridos — vêm em tempo próprio pastorear seu gado aqui.

Num muro da casa do Kamaikanato e perto de uma porta há uma pedra no meio das outras com algumas palavras gregas de inscrição muito gasta.

Disse-me o tesoureiro do Kamaikanato, que aliás pareceu-me estúpido, que numa igreja, que se acha em ruínas, havia outra pedra com inscrição grega, porém não me pode mostrar, embora a

procurasse. Durante o jantar as cornetas de chaves *[sic]* da guarda de cavalaria caramelaram-nos bastante com um sonzinho às vezes fanhoso que tinha sua graça. A cadência muitas vezes convidava a dançar.

A noite está belíssima, porém o pôr do sol acompanhado no crepúsculo de um princípio de luar é que foi admirável, sobretudo pelas matizes de azul do lado de Hermon cujo topo nevado vê-se já muito na direção oposta à nossa e para cima do terreno elevado onde acampamos e se projeta sobre essas montanhas.

Amanhã saímos às 6 e de tarde estaremos às margens do Jordão e entrar na Terra Santa.